

APRENDIZAGEM DA LEITURA E ESCRITA DA PESSOA COM DEFICIÊNCIA VISUAL EM UMA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA HISTÓRICO CULTURAL: UMA ABORDAGEM BIBLIOGRÁFICA

Laís Moura de Aquino ¹

Sabrina Gomes Venâncio ²

Sarah Monteiro da Silva ³

Sandra Patrícia Ataíde Ferreira ⁴

RESUMO

Tomando como partida o processo de aprendizagem de crianças com deficiência visual, o presente trabalho teve como objetivo identificar e analisar estudos sobre a aprendizagem da leitura e escrita/alfabetização de pessoas com deficiência visual na perspectiva na psicologia histórico-cultural. Esta perspectiva entende que tais pessoas se desenvolvem de modo diferente, entretanto, com o mesmo potencial de crianças enxergantes de seu meio. A pesquisa caracterizou-se como um estudo bibliográfico baseado em publicações teórico-práticas, em língua portuguesa, publicadas no período de 1996, ano de divulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB), até 2024. As literaturas foram encontradas nas plataformas de busca Scielo e Google Acadêmico. Além disso, esse trabalho compõe o projeto “Alfabetizar letrando: tecnologia assistiva e aprendizagem de estudantes com deficiência”(ALETA) que busca desenvolver ferramentas tecnológicas para alfabetização de crianças com deficiências em contexto escolar. Até o momento, os resultados do levantamento bibliográfico apontam uma lacuna nas pesquisas sobre deficiência visual na perspectiva da psicologia histórico cultural, em especial, sobre pessoas com baixa visão. Além disso, percebe-se carência de estudos sobre a leitura e escrita da pessoa cega. As pesquisas evidenciam realidades nas quais os estudantes são direcionados a responder oralmente em lugar de utilizarem materiais adequados para escreverem conforme os signos/códigos do sistema Braille e, conseqüentemente, da língua portuguesa, assim, permanecendo com pouca expressividade quanto à apropriação da escrita. Dentro da perspectiva sócio-histórica, para incluir esses estudantes deve-se valorizar suas experiências táteis, auditivas e cinestésicas. A ausência de estudos limita as práticas pedagógicas e a formação de educadores, dificultando a criação de estratégias eficazes para esse público. Por fim, pretende-se que esta pesquisa possa contribuir na formação de educadores técnica e humanamente preparados para promover a inclusão.

Palavras-chave: Cegueira, Baixa Visão, Psicologia Histórico-cultural, Aprendizagem, Educação inclusiva.

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, laismoura.aquino@ufpe.br;

² Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, sabrina.venancio@ufpe.br;

³ Graduando pelo Curso de Pedagogia da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, sarah.monteiro@ufpe.br;

⁴ Professor orientador: Doutora em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, sandra.aferreira@ufpe.br.



INTRODUÇÃO

A Psicologia Histórico-Cultural, com base nas ideias de Vigotsky, sugere que o desenvolvimento humano acontece por meio das relações sociais e culturais. Ademais, de acordo com essa abordagem teórica, o desenvolvimento de crianças com deficiência ocorre com o mesmo potencial de aprendizagem que as demais, porém, de maneira diferente.

Tendo isso em vista, o presente trabalho teve por objetivo identificar e analisar estudos sobre a aprendizagem da leitura e escrita/alfabetização de pessoas com deficiência visual na perspectiva na psicologia histórico-cultural. Para tal, foi realizada uma pesquisa de levantamento bibliográfico, considerando o período de 1996 a 2024.

A pesquisa integra o projeto "Alfabetizar letrando: tecnologia assistiva e aprendizagem de estudantes com deficiência" (ALETA), cujo objetivo é desenvolver ferramentas tecnológicas voltadas à alfabetização e letramento de crianças com deficiências. Dessa forma, o presente trabalho surge como uma necessidade de conhecer como acontece o processo de aprendizagem de leitura e escrita de estudantes com deficiência visual, para incluir nas ferramentas da Mesa Alfabetizadora que está em desenvolvimento pelo ALETA.

No que se refere aos resultados do levantamento bibliográfico, de modo geral, foi identificada uma lacuna sobre a discussão da aprendizagem da leitura e escrita de crianças com deficiência visual a partir do olhar da Psicologia Histórico-Cultural, sobretudo no que diz respeito às crianças com baixa visão. Esse resultado parece revelar que o processo de ensino e aprendizagem da pessoa com deficiência visual, em especial, no processo de alfabetização, ainda se apresenta como um desafio para a escola e a sociedade como um todo.

Portanto, com este trabalho, buscamos contribuir para a reflexão sobre a formação de educadores no âmbito da educação inclusiva, em especial, no processo de alfabetização de crianças com deficiência visual, bem como para a ampliar o debate sobre as contribuições da Psicologia Histórico Cultural para a aprendizagem das pessoas com deficiência visual.



METODOLOGIA

A presente pesquisa foi elaborada com base em uma abordagem metodológica que utiliza a pesquisa bibliográfica, seguindo a classificação proposta por Gil (2002). De acordo com este autor, “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil, 2002, p. 44). No presente trabalho, a pesquisa bibliográfica foi realizada a partir do levantamento e análise de artigos acadêmicos, teses e dissertações.

O tema central da investigação foi a alfabetização e o letramento de crianças com deficiência visual. Os fundamentos teóricos que nortearam a análise foram a psicologia histórico cultural e a defectologia, ambas baseadas nas obras de Lev Vygotsky (2022). A abordagem da pesquisa permitiu a revisão do conhecimento já produzido na área da educação inclusiva, auxiliando no embasamento dos estudos acerca da temática e garantindo o acesso a dados e fundamentos relevantes para a investigação. O Quadro apresenta a síntese dos estudos encontrados.

Quadro I. Textos encontrados a partir do levantamento bibliográfico.

Título	Autores	Ano	Área
Inclusão de alunos com deficiência visual: um estudo de caso da experiência de professores e alunos na Escola Estadual Joana Rodrigues em Manaus	Gabriela Bernardes; Mariana Santos; João Lucena.	2022	Educação.
A perspectiva histórico-cultural e a questão da deficiência	Maria Cecília Rafael de Góis.	2002	Educação.
A pessoa cega e a inclusão: um olhar a partir da psicologia histórico-cultural.	Mirian Cristina Frey de Lira; Luciane Maria Schlindwein.	2008	Educação.
Inclusão e aprendizagem: experiências de estudantes cegos na escola regular	Enicéia Gonçalves Mendes; Fabiana Alves da Silva.	2020	Educação.
Contribuições de Vigotski para a	Adriano Henrique Nuernberg.	2008	Educação.



educação de pessoas com deficiência visual			
Tecnologias assistivas e a aprendizagem de estudantes com deficiência visual	Luciana Martins de Oliveira; Rafael Almeida de Souza.	2019	Educação.
Psicologia ambiental na promoção da autonomia: praticando a inclusão de pessoas com deficiência visual.	Erika Rodrigues; Jakson Luis Galdino Dourado; Aline dos Santos Barbosa.	2024	Educação.
Educação e deficiência visual: análise da produção científica sobre o desenvolvimento da linguagem escrita.	Fabiana Alvarenga Rangel; Sonia Lopes Victor	2022	Educação.
Alfabetização e letramento de crianças cegas em diferentes contextos	Katia Regina da Silva.	2018	Educação.
Práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da linguagem escrita de estudantes cegos e/ou com baixa visão: ponto de vista dos professores.	Karen Regiane Soriano.	2022	Educação.
O impacto da metodologia EKUI na alfabetização de uma aluna com Trissomia 21.	Sérgio Paulo Tavares Gonçalves.	2020	Educação
A importância do sistema braille no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência visual.	Andréa Souza; José da Silva.	2020	Educação
A importância do sistema braille no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência visual.	Érica da Silva Oliveira.	2020	Educação



As especificidades do ensino e da aprendizagem da leitura por meio do Sistema Braille na alfabetização de alunos cegos.	Camila Sousa Duntton	2021	Educação.
A alfabetização de alunos cegos e as tendências da desbrailização: uma discussão necessária	Rosana Davanzo Batista; Endrius Robert Lopes; Glaucia Uliana Pinto.	2017	Educação.

Fonte: As autoras

O ano de 1996 determinou o ano inicial de pesquisa, pois é o ano da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), que representa mudanças nas políticas educacionais no Brasil, reconhecendo o direito à educação inclusiva. Garantindo também o direito ao Atendimento Educacional Especializado (AEE). O limite temporal para o término da pesquisa bibliográfica foi o ano de 2024. A busca foi realizada nos bancos de dados Google acadêmico e SciELO, utilizando como palavra chave: deficiência visual, aprendizagem, psicologia histórico-cultural, Vigotski, leitura, escrita, alfabetização. Foram encontrados 15 textos, dentre eles 11 artigos, 3 teses e 1 dissertação, todos pertencentes à área da educação. A leitura foi realizada de forma integral na maioria dos materiais, nos casos em que a leitura completa não foi possível, foram analisados os resumos, de modo a garantir o aproveitamento das principais contribuições da obra.

Para a análise dos textos, realizamos a leitura e o compartilhamento dos principais pontos abordados, a fim de verificar se estes se alinham aos objetivos da pesquisa, especialmente quanto à perspectiva da psicologia histórico-cultural. Também elaboramos o fichamento dos textos para facilitar o acesso às informações essenciais. A partir desse processo, identificamos as principais contribuições de cada estudo para a construção do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

O psicólogo bielo-russo Lev Semionovitch Vigotski foi um grande contribuidor para os estudos acerca do desenvolvimento e a educação de pessoas com deficiência. No que se refere à deficiência visual, Vigotski (1896 -1934) defende que a cegueira gera uma reorganização psíquica, compensada pela linguagem, interação social e acesso à



O Braille contribui enormemente para essas aprendizagens, mas considerar todas as outras formas e possibilidades de aprendizagem e vivências de práticas de letramento é importante, pois possibilitam que as crianças cegas tenham acesso e participem da cultura letrada, mesmo que não saibam o Braille.



Apesar da existência do movimento denominado desbrailização, como apontado por Batista, Lopes e Pinto (2017), que propõe a substituição do Braille por softwares e recursos tecnológicos, como os apresentados por Borges, Paixão e Borges (2010) e Karnal (2011), trabalhos apontam para a importância da manutenção do Sistema Braille como meio de escrita:

O braille foi desenvolvido especificamente como meio de escrita, e essa finalidade ainda hoje permanece reconhecida e utilizada em todo o mundo (SORIANO, 2022).

Ao pensarmos a alfabetização de pessoas com deficiência visual revela-se que a mediação social e o uso de instrumentos culturais, como a tecnologia assistiva e o braille, são essenciais para a constituição das funções psicológicas superiores (Vigotsky, 1997).

A perspectiva histórica cultural nos convoca a superar a lógica da compensação biológica, sugerindo a compreensão da deficiência não como fim em si mesma, mas como uma motivação para o desenvolvimento (Vigotski, 1997; Góes, 2002). Outro



Na prática pedagógica isso acarreta em pensar estratégias que abranjam o uso de diversas linguagens e suportes, implementando o braille aos recursos digitais, além de recursos técnicos, uma vez que tais estratégias auxiliam e ampliam a zona de desenvolvimento proximal, viabilizando que o estudante avance para níveis mais complexos de pensamento, com o apoio da mediação pedagógica.

Lira e Schlindwein (2008), em um estudo de caso onde buscaram refletir sobre a escolaridade de alunos com deficiências visuais, identificaram que os estudantes com deficiências visuais entrevistados não tiveram preparação para a escola e nem a escola, para recebê-los. Enfrentaram dificuldades que causaram abandono escolar inicialmente, mas que com muitas dificuldades conseguiram alcançar o ensino superior. Relataram que, por serem os únicos com deficiência enfrentam descaso institucional, o que gerou medo e vergonha.

Segundo Soriano (2022), pensando no processo de alfabetização de estudantes com baixa visão, é necessário utilizar letras ampliadas, pautas reforçadas e recursos ópticos, já que o braille não é recomendado para esse público.



Quando analisamos os resultados de pesquisas realizadas sobre a leitura e a escrita em crianças cegas ou com baixa visão, é importante entendermos, segundo Vygotsky (1997) que o desenvolvimento humano ocorre sempre na relação com o outro e mediado pela cultura. A deficiência, nesse olhar, não significa uma falta, mas uma configuração única de se relacionar com o mundo, que pode ser ampliada e enriquecida por meio da interação social e de práticas pedagógicas adequadas.

Dessa forma, pesquisas de Gonçalves (2020), Souza e Silva(2020) e Oliveira(2019) indicam que os resultados mais significativos no processo de alfabetização e letramento dessas crianças estão ligados ao uso de práticas específicas, como o contato precoce com o sistema Braille. Crianças que logo cedo tiveram contato com materiais adequados, como por exemplo, reglete, pulsão, materiais adaptados com braille e relevos, e leitores de tela, desenvolveram um a educação tátil por meio da interações com artefatos específicos do universo da leitura que as possibilitam significar e ressignificar tais objetos como sendo próprios da escrita e, conseqüentemente, de seu meio. Tais estratégias permitem que a criança desenvolva não apenas a capacidade técnica de ler e escrever, mas também a autonomia, a comunicação ampliada e o sentimento de pertencimento.

Estudos de Silva (2018) e Soriano (2022) evidenciam, por exemplo, a importância do Braille como meio de letramento e não apenas de codificação. Além disso, a utilização de materiais táteis, modelos 3D e objetos reais fortalecem a ligação entre o concreto e o abstrato, auxiliando a percepção da criança para estruturar imagens mentais e compreender conceitos que, para outras sem deficiência visual, seriam construídos com a ajuda da visão. Outra prática essencial é a leitura compartilhada e em voz alta, pois expande o vocabulário, trabalhando a entonação e a estrutura textual, permitindo que a linguagem oral atue como ponte para a linguagem escrita (Góes, 2002; Vigotski, 2001). O envolvimento da família também se mostra determinante, quando o ambiente familiar disponibiliza recursos acessíveis, a criança pode ampliar a aprendizagem para além da sala de aula (Mendes; Silva, 2020; Oliveira; Souza, 2019).

À luz de Vygotsky, compreende-se que o desenvolvimento da leitura e da escrita em crianças cegas e com baixa visão não deve ser entendido como uma tentativa de “compensar” uma deficiência, mas como a construção de caminhos próprios de aprendizagem, mediada pela interação social. O levantamento bibliográfico realizado indica que os resultados observados nas pesquisas ultrapassam a simples decodificação



de palavras, evidenciando avanços significativos na autonomia, na participação social e na autoestima dessas crianças. Tais achados reforçam a concepção vygotskiana de que o aprendizado da linguagem escrita é um processo de natureza social e simbólica, que promove o desenvolvimento das funções psicológicas superiores (Vygotsky, 1997). Nesse sentido, autores como Macedo (2018) e Oliveira (2019) também destacam que o acesso ao letramento em contextos inclusivos possibilita o fortalecimento da identidade e da interação social, revelando o potencial de aprendizagem presente em cada sujeito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As reflexões realizadas ao longo do trabalho, nos permitiu compreender que a aprendizagem da leitura e da escrita por pessoas com deficiência visual não pode ser limitada apenas a um desafio técnico ou metodológico. Diz respeito a, sobretudo, um desenvolvimento intensamente humano, repleto de mediações sociais, culturais e afetivas, que, se bem conduzidas, oferecem a oportunidade ao sujeito de se reconhecer como participante ativo na comunidade.

A psicologia histórico cultural nos oferta o olhar essencial para notar que a diferença não pode ser entendida como ausência, porém, como uma diferença que necessita de uma reorganização do desenvolvimento. Por isso, o braille, as tecnologias assistivas e as práticas pedagógicas inclusivas ganham um papel de destaque, não se limitando somente como recursos didáticos, mas, como instrumentos da ampliação da consciência, da autonomia e da atuação social.

A discussão apresentada revela que, apesar de ainda existirem lacunas na formação docente e em suas práticas pedagógicas, existem caminhos promissores quando a educação é direcionada com comprometimento com a inclusão. Diante do exposto, reiteramos a necessidade que a escola possa ter acesso a mecanismos que favoreçam a acessibilidade dos estudantes com deficiência, criando condições reais de participação, diálogo e avanços. Aprendizagem da leitura e escrita nesse cenário, transforma-se em uma conquista acadêmica, manifesta-se como um caminho da humanização, dignidade e transformação social.

AGRADECIMENTOS



À UFPE e demais profissionais que lutam por uma educação de qualidade.

NUERNBERG, Adriano Henrique. **Contribuições de Vigotski para a educação de pessoas com deficiência visual.** Psicologia em Estudo, Maringá, v. 13, n. 2, p. 307-316, abr./jun. 2008.



OLIVEIRA, Érica da Silva. A importância do sistema braille no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência visual. InLitteras: Revista de Letras, v. 5, n. 3, p. 45-58, 2020.

OLIVEIRA, Luciana Martins de; SOUZA, Rafael Almeida de. **Tecnologias assistivas e a aprendizagem de estudantes com deficiência visual.** Revista Brasileira de Educação Inclusiva, Brasília, v. 11, n. 2, p. 85-101, 2019.

RODRIGUES, Erika; DOURADO, Jakson Luis Galdino; BARBOSA, Aline dos Santos. **Psicologia ambiental na promoção da autonomia: praticando a inclusão de pessoas com deficiência visual.** Extensão em Foco, v. 12, n. 00, p. 71–82, 2024.

RANGEL, Fabiana Alvarenga; VICTOR, Sonia Lopes. **Educação e deficiência visual: análise da produção científica sobre o desenvolvimento da linguagem escrita.** Roteiro, v. 47, n. 1, p. 7–24, 2022.

SILVA, Katia Regina da. **Alfabetização e letramento de crianças cegas em diferentes contextos.** 2018. 229 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

SORIANO, Karen Regiane. **Práticas pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da linguagem escrita de estudantes cegos e/ou com baixa visão: ponto de vista dos professores.** 2022. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília, 2022.

SOUZA, Andréa; SILVA, José da. A importância do sistema braille no processo de ensino e aprendizagem de crianças com deficiência visual. InLitteras: Revista de Letras, v. 5, n. 3, p. 45-58, 2020.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. **A construção do pensamento e da linguagem.** São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIGOTSKI, Lev Semionovich. Obras escogidas: V. **Fundamentos de defectologia.** Madrid: Visor, 1997.

